



O Gaiato

Quinzenário * 5 de Janeiro de 1985 * Ano XXI — N.º 1065 — Preço 10\$00

PORTE
PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ANIVERSÁRIO

● Quarenta e cinco anos!
Mais um aniversário!
Se de alegria e esperança,
também de reflexão e muita fé
no Senhor.

Não damos a vida nem a
morte, mas Ele colocou em
nossas pobres mãos a tarefa do
caminho.

O que é mais importante?:

A alma da Obra nasceu perto
da cama do Pobre. Esta a sua
verdadeira face. Foi à Sopa dos
Pobres e nas zonas inquinadas
da Ribeira (Porto) que Pai
Américo arrancou as pedras do
alicerce. Este, o caminho.

É tão fácil sair da linha estreita
e pedregosa e montar,
sem dar por isso, os carris na
planície lisa e fácil!

Outra e grande preocupação,
neste momento, que o deve,
pois, ser de reflexão, é a contínua
adaptação ao hoje e a vida
cristã em nossas Casas. «Pôr-
lhes a mesa e convidá-los ao
banquete.»

Se custa fazer do rapaz um
Homem, mais difícil fazer dele
um homem com Deus.

O que vale um homem sem
Deus?

Um perdido e fraco, sem fé
nem esperança, sem certeza
nem alegria...

E o maior esforço, o cume:
Que a Obra da Rua seja um teste-
munho vivo do Senhor —
Sua presença no meio dos ho-
mens.

O maior mérito de Pai Amé-
rico não está nas pedras que
fizeram Aldeias, mas no teste-
munho quotidiano e apaixonado
que deu do Senhor — «Vi o
Senhor!» — e deu-nos a novi-
dade.

Também, logicamente, pre-
sença viva de Igreja junto de
todos nós.

● Dois factos vão marcar
este aniversário:

Primeiro, a resolução da Obra
da Rua — com o acordo dos
nossos Bispos — de dar início
ao processo da canonização de
Pai Américo.

Segundo, a preparação do
centenário do nascimento em
1987.

A Obra da Rua resolve dar-
lhe projecção nacional — o
que corresponde ao verdadeiro
sentir do Povo.

Não procuramos a Honra e a
Glória para Pai Américo e para
a sua Obra; mas, nele e por ela,
toda a Honra e Glória para o
Senhor. É assim.

● Todas as Obras de Deus
são um Dom precioso que
Ele nos concede e nos ajuda na
travessia do deserto até à nossa
«Pátria». São portadoras da
Sua palavra para que os ho-
mens vejam, conheçam o Se-
nhor e se amem.

Deus serviu-Se da terra,
uma rapariga simples de Naza-
ré concebeu — e vimos a Luz
que nos leva ao Pai.

Deus pode mostrar-te o Seu
rostro nas Obras que Ele vai
gerando conformes às neces-
sidades dos filhos e à ansia da
fé; como na face dum filho que
te morreu nos braços; um tel-
hado que viste pôr na casinha
dum vizinho; no aspecto mar-
ginal duma criança sem cari-
nho; num doente incurável que
foi recolhido e é tratado com
amor; até numa avezinha que
canta no bosque; nas ruas
estreitas e sujas do teu bairro.
Bem certo que Ele não deixará
de se encontrar contigo:

Na Cruz!
No presépio!
No teu filho morto!
Nos Pobres que vivem em
barracos!



PAI AMÉRICO

Nos irmãos que ajudas!
Nos teus inimigos!
Está bem atento à Sua voz.
Procura descobrir bem a Sua
face nos irmãos e nos aconte-
cimentos do teu dia.
Ele está! Vive connosco! E
ama-nos!

● Um aniversário sempre me
pareceu a ponta baixa do

balancé, pronta para o novo
impulso e projecção. Certeza
de que Jesus, amigo e compa-
nheiro, vai fortalecer esse im-
pulso. E será ascensão para a
fé e a esperança.

Um mergulho no ar!
Sejamos homens de Esperan-
ça!

Padre Telmo



O Gaiato

Ao longo da história d'O GAIATO — quatro décadas
— pela quinta vez nos vemos obrigados a actualizar o preço
do jornal: 10\$00 por exemplar.

Quem nos dera hoje — como ontem — prescindir do
preço no cabeçalho do «Famoso», pois não somos «empresa
nem havemos jamais de ser chamados a contas para prestá-
-las e dividir lucros» — acentua Pai Américo, no seu estilo
peculiar, logo no primeiro número, em 5 de Março de 1944.
Todavia, essa cláusula da lei dá-nos a vantagem do porte-
-pago, do subsídio de papel que Pai Américo jamais recusa-
ria, a não ser que bulissem connosco — com a independência
d'O GAIATO.

Efectivamente não somos nem seremos «solícitos em
pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos
prelos»; deixamos «tudo à generosidade espontânea de cada
um» dos Leitores — ainda conforme o pensamento de Pai
Américo. Esta maneira de ser, confunde, desde a primeira
hora, uma legião de Amigos! Aí vai o mais recente teste-
-munho — da assinante 33890, de Vermoim (Vila Nova de
Famalicão):

«Sou assinante d'O GAIATO desde Abril de 1984, mas
não sei quando devo pagar a assinatura e quanto custa.
Nunca vi no jornal qualquer informação a esse respeito e

Cont. na 4.ª página

OBRA DA RUA

A Obra da Rua aconteceu
como a vários dos seus rapa-
-zes: viver sem registo durante
muito tempo.

Para sermos exactos na
conta da sua idade, aos 45 anos
que se completam em 7 de Ja-
-neiro, havemos de juntar os
oito que vêm de 1932 quando
aquele Américo, padre a meio
da vida, depois de três anos de
«noite escura» purificados por
dores físicas e morais, começa
a determinar-se, isto é, a achar
o seu caminho nos becos e
vuelas de Coimbra. Aí foi gera-
da e dada à luz a Obra da Rua.

Em 1935 surgiria o primeiro
esboço de ser organizado em S.
Pedro de Alva nas primeiras
Colónias de Campo do Garoto
da Baixa. Em 1940 o esboço
definir-se-ia na primeira Casa
do Gaiato em Miranda do Cor-
-vo. Mas a Obra da Rua já era,
porque ela é «a reconquista de
um mundo descrentizado; reve-
-lação do poder do Evangelho;
enterramento de fórmulas de Assis-
-tência obsoletas; palavra nova que
a todos seduz» — isso já ela
era em obras e em palavras que
o Correio de Coimbra ia difun-
-dindo. Entre estes oito anos e

o depois não há descontinuidade
de lógica nem ontológica.

A Epifania vem depois do
Natal. Ela é manifestação e re-
-conhecimento. Ora o que se diz
de Jesus, pode dizer-se do que
é fundado em Jesus, «pedra
angular» de toda a construção
autêntica — e a Obra da Rua
tem-no por alicerce e por dis-
-tintivo o Seu Santíssimo Nome.

A alma é o princípio da vida.
O sopro do Espírito em Pai
Américo começa a tomar for-
-ma, a ser corpo, a partir da

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

— A Cancerosa tem outra cara!... — diz uma recoveira dos Pobres. E continua: — *Compra leitinho. Compra remédios. Agora trata-se bem. Já tem outra cara!*

Referiu, ainda, o comportamento de pequeninos mundos avessos à promoção social dos Pobres. Então, motivámos a Doente a *sacudir o pó dos socos*, a caminhar em frente de cabeça erguida. *Vita brevis!*

O povo nem sempre está preparado para compreender algumas acções no domínio da pastoral social, que as bichas de pedintes — um mal secular! — marcaram gerações. Por isso, o Miserável ainda é apontado quando *sobe uns degrauzinhos* — integrado no meio!

PARTILHA — Assinante 31685, de Coimbra, 500\$00. Av. Madrid, Lisboa, uma nota para «o Natal dos Pobres». Outra da Rua Santo Ildefonso — Porto. Assinante 15693, de Oeiras, remanescente de contas com O GAIATO. A «habitual ajuda», da Rua das Amoreiras — Lisboa. Alameda das Linhas de Torres, «em memória da minha irmã». Anónima, de Fátima, 1.000\$00. Rua Castro Matoso, Coimbra, «modesta participação para o Natal dos Pobres». É duma vicentina. Cheque do assinante 3359, do Porto. Oportuna remessa de boa Amiga da Rua D. Estefânia, Lisboa, pela mão do nosso Padre Luiz. O costume de Vilares — Vila Franca das Naves. As presenças de «velha amiga», de Lisboa. Vale postal de Algueirão, «acrescido de 1.000\$00 como recordação do Natal». Cheque de um advogado, de Miramar. Assinante 1473, 500\$00. O dobro da Rua Matias Albuquerque, Porto. Idem, de Coimbra. Mais Porto, assinante 4023, que diz ser «pouco mas dado com muito boa vontade». Outra vez a capital do Norte com ofertas da assinante 7769. Um cheque da Nazaré. Outro do assinante 18223. Mais um de Alvide — «de trabalho nos dias santos». Vale do correio da assinante 31104. Um cheque, de Braga, para as Viúvas. Outros: assinante 23044, de Sebadelhe; assinante 8994, de Lisboa; assinante 1364, do Estoril; assinante 11247, de Cabeceiras de Basto. Do assinante 5484, do Porto, 2.000\$00 «para uma Viúva necessitada». O casal «Eu e Ela» veio deixar-nos a oferta «para que os Pobres tenham um Natal com um pouco mais de abundância e alegria». Um condiscípulo da antiga Escola Comercial Mouzinho da Silveira, do Porto, 1.500\$00. Assinante 28740, de Pardelhas, remanescente de contas com O GAIATO. Espinho, um cheque da assinante 20856 «para ajuda das consoadas». Pároco de Vila Nova de Sande, vultoso cheque. Sensibilizou-nos muito como presença hierárquica da Igreja. Assinante 12313, 300\$. Mais um cheque da assinante 30217, de Lisboa, para ser aplicado nos «mais carenciados: idosos e doentes». Outra lisboeta, já assinalada, manda agora 1.000\$00 como «pequena ajuda para melhorar a consoada do Natal de quem precisa». Assinante 113, que

lê O GAIATO desde a primeira edição, nesta quadra ajuda tantos «que não têm nada do que eu tenho» e sente «necessidade de partilhar do que me sobra, o que torna a minha oferta pouco valiosa». Eis o Mandamento Novo! Assinante 2280, de Coimbra, com «alguma coisa para os Pobres terem mais no dia de Natal». Habitual remessa de Estremoz — do nosso Alentejo! — chegou na hora própria. Que amor posto em tudo! Rua Gonçalo Cabrilho, Lisboa, «uma migalhinha para o Natal dos irmãos mais precisados», cujo cartão traz este poema: «É Natal, Senhor, tanto se pede, e tão pouco é preciso para viver.../ basta amar, abrir o coração, / e em cada dia renascer!»

Um cheque do Lar de Santa Cruz, Braga. Outro de Nelas. Visita de senhora amiga, de Santa Cruz do Douro, que não esquece os nossos Pobres. Aida, do Porto, 1.000\$00. Av. de França, Porto, 250\$00. Rosa, de S. Mamede de Infesta, 1.000\$00. Assinante 19177, do Porto, metade. Idem, de Júlia. Três vezes mais de «Uma portuense qualquer». Ainda da cidade Invicta, 1.500\$00 «para o electricista». Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Segue uma pequenina gota para a Conferência e que o Menino-Deus a todos cumule das Suas bênçãos e a Festa que se avizinha seja um verdadeiro encontro com o Senhor».

Mais um cheque para a «ceia de um Pobre». Outro, de velho amigo de Ovar. E mais outro de Coimbra, assinante 20174.

Deixamos para o fim a visita de uma mulher do povo que veio por aí fora, a pé, muito cansada, mas d'alma cheia. Deixou quanto trazia, envolvido em muito amor, com muita discreção. «Tenho pena não passar o Natal com os meus netos!...» Mais não disse. Foi um relâmpago! Uma hora divina! Rematamos com ajudas para a Cancerosa: 1.000\$00 do assinante 21566, de Ilhavo; metade da assinante 1364, do Estoril; o mesmo da assinante 21735, de Queluz.

Retribuímos, com Amizade, votos de santo Natal e Ano Novo. E agradecemos tudo em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

ANO NOVO — Estamos no princípio de mais um ano; motivo de festa. «Ano Novo, vida nova», talvez seja se taparmos os olhos ou teirmos em não os abrir. No resto, o noticiário continuaria a contar histórias de roubos e pilhagens, de loucos e assassinos, de ricos e pobres, dos mortos e dos vivos; o Governo prometeu aumento de impostos e os desajustados sociais ameaçam greves reivindicativas; nos países sub-desenvolvidos continuarão a morrer milhares de crianças e adultos à fome, e outras mais à porta de cada um e nós damos-lhes os nossos restos p'ra descarga de consciência. As crianças morrerão de fome porque o dinheiro suficiente para a manutenção delas, é necessário na fabricação de armamento que matará outras no futuro, e tudo porque as grandes Nações relacionam o medo ao poder. Vivemos

actualmente num mundo de cínicos e hipócritas e esta situação está tão enraizada que 1985 não apresenta melhores perspectivas que o ano ido. Estamos a caminhar de mal a pior, a passo acelerado, e se hoje ainda temos um pouco de lucidez, conservemo-la para não cairmos na irracionalidade que é a única coisa que ainda nos diferencia dos animais selvagens.

Um diferente e feliz 1985!...

AGRICULTURA — Aproveitámos bem as férias do Natal em proveito da nossa agricultura. Tínhamos gente disponível: os estudantes de Coimbra e os de cá. Já noticiada no jornal anterior, a apanha da azeitona prolongou-se até depois do Natal, de manhã à noite. Uns de serrote, outros de varas e mãos lá fomos colhendo a nossa azeitona que tivemos em quantidade razoável.

ANIVERSÁRIO — É já no próximo dia 7 o aniversário da fundação da Obra da Rua e desta Casa — que foi a primeira. Virão muitos antigos gaiatos comemorar essa data que tem para todos nós um significado muito especial. A ela devemos o que somos hoje ou seremos amanhã.

Foi aqui que Pai Américo lançou a semente, e de cá partiram outras sementes que formaram o que é hoje a Obra da Rua — de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Os últimos desta nossa Casa são o João Luís, de 4 anos, mais o irmão; aquele é muito vivo e esperto e anda sempre na companhia do Carlinhos de 5 anos e quase mudo. São eles os dois mais da Casa, como outros já o foram no seu tempo e de quem os mais velhos ainda se recordam e que virão, na sua maior parte, para comemorar este dia e conviver com os novos irmãos que estão constantemente a conhecer nas suas vindas às origens.

Também a possibilidade da existência e sobrevivência de uma Obra assim a devemos em parte a todos os Amigos, e alguns deles já na companhia do Senhor, que nos têm ajudado durante todos estes anos desde a sua fundação. Muitos têm permanecido anónimos ao longo do tempo, mas trazendo quase todos uma marca pessoal de inquietação com os males dos Outros, mostrando um sentimento verdadeiramente cristão.

A Deus pedimos por todos aqueles que nos ajudam e ajudaram, por todos os inquietos do coração que não esquecem que o Mundo está povoado desigualmente.

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

NATAL — Mais um Natal, que nos correu às mil maravilhas! Começámos logo na segunda-feira, à tarde, a limpar a nossa Casa, a preparar a tronchuda, descascar as batatas, fazer as rabanadas, etc.

A hora do jantar os nossos refeitórios estavam muito bem enfeitados, rodeados de plantas, com a árvore de Natal a um dos cantos da sala, também muito bem enfeitada; as mesas com velas, flores, etc...

Jantámos com a alegria que o Senhor nos deu. Muitas rabanadas, muitas filhoses, muita aletria, bom bacalhau, boas batatas. Foi uma festa em cheio! Depois, houve um acto de variedades que já há muitos anos não realizávamos na noite de Natal.

Este ano, recordámos os tempos antigos, pela malta da casa 2 de baixo e 2 de cima — os nossos mais velhos.

O programa incluiu uma «passagem de modelos», danças e cantares pelo grupo musical.

Quando a pequena festa acabou, o Costa, um dos mais velhos, explicou o porquê daquela diversão. Depois, foi a Missa do Galo. A Capela estava toda bonita, cheia de flores e plantas. O presépio ocupava todo o altar. A árvore de Natal, ao lado, com enfeites muito bonitos.

A homilia do sr. Padre Telmo sublinhou o significado do Nascimento de Jesus.

Voltámos, depois, ao salão de festas para recebermos as nossas prendas, de que muito gostámos.

No próprio dia de Natal tudo correu normalmente.

Agradecemos às pessoas que nos ofereceram um bolo que pesava mais de 50 Kg!

ANO NOVO — Alguns dos nossos rapazes foram passar a festa a casa dos seus familiares. Um encontro que, de vez em quando, lhes faz muito bem.

A nossa passagem de Ano é sempre muito alegre!

CONVÍVIO — Nos passados dias 21, 22 e 23, quatro dos nossos rapazes foram a um Convívio Fraternal, em Eilrol, perto de Aveiro. Convivemos durante três dias, cheios de amor, carinho, alegria e amizade passados a pensar em Cristo e a falar sobre Ele e não só.

Éramos um grupo de 70 rapazes e raparigas. Tudo gente nova a partir dos 17 anos.

Tínhamos cinco equipas para tirarmos as conclusões a que chegávamos, das reuniões que fazíamos.

Não era bem uma reunião, era mais união, onde todos ouvíamos um testemunho. Por vezes um sacerdote dava as suas ideias, não só de Cristo mas de outros casos.

Fizemos os nossos compromissos a Cristo, testemunhámo-los.

Depois, no último dia, éramos todos mais Irmãos uns dos outros.

O Encerramento foi na Senhora da Hora, na Igreja nova. Foi a despedida. Não é bem uma despedida, um adeus; mas sim até daqui a uma semana, um mês...

Cristo ouviu-nos a todos, falou com todos e escutou-nos. Cada um dizia: — Cristo estás comigo e eu estou contigo.

Foi uma larga caminhada para alguns; para outros, uma renovação.

O jovem é sempre jovem quando está com Cristo. O que é preciso é que os jovens se unam mais a Deus. Ele é a Verdade.

OBRAS — O nosso campo de futebol, remodelado, não tarda a ser inaugurado. Vamos aguardar mais uns dias.

Os nossos balneários estão quase prontos, também.

Manuel Augusto («Chinês»)

Tojal

CASAMENTO — Realizou-se no dia 2 de Dezembro o casamento do nosso Jorge Teixeira com a Assunção.

Foi uma festa para todos. Ao meio dia começou a celebração. O sr. Padre Luiz disse umas «três» palavras acerca do acto que se ia realizar. «Hoje, a sociedade ignora os valores morais e goza somente um mundo materialista onde só os valores materiais contam.» Falou, também, da vida dos casais: O assumirem as responsabilidades, os momentos de alegria... Nós sabemos quanto Pai Américo estimava esta grande alegria. Ele sempre se bateu pela unidade da família, pelo Matrimónio cristão. Jorge e Assunção contrairam o Matrimónio unidos no Amor com Cristo. Aceitação que se projecta no futuro comum de ambos até ao infinito.

Fazemos votos que gozem a verdadeira felicidade e, em cada dia, sintam no seu lar o sol da Primavera renovada.

NATAL

Belém! Silêncio!
Abandono!
A pobreza da Gruta,
A Família... José e Maria
Por vizinhos os Pastores
Por testemunhas os Anjos.
E aí nesse céu,
Nessa terra, recriados
Mil vezes por poetas...
A alegria que nos une:
O Nascimento
Do Salvador Jesus.

O Menino Jesus ofereceu-nos um presente muito lindo! Mais quatro carinhas novas. Pela mão dos três, o mais pequenino de dois aninhos, carinha bochechuda, sardenta, olhinho de gato, cabelinho ruivo, sorriso franco. É um amor! É o nosso João com os seus três irmãos: Paulo, Rui e o Luís. Vieram duma «gruta» de Lisboa (quantos haverá lá?), onde a miséria é hóspede...

Como carta de recomendação, o mais velho dos quatro diz onde e como foi criado, apresenta-se: «Eu não quero nada com os pais. Muito mau para os seus onze anos...! Outros mais novos têm dito coisas piores. Hoje, rezam na capela, comem no refeitório, brincam no parque, correm e chamam sua à nossa quinta.

«Deixai vir a Mim as criancinhas que é delas o Reino dos Céus.»

Todos passámos o Natal em família. Reunidos todo o ano, a noite de Natal é a nossa maior alegria porque sentimos que há algo que nos une ainda mais. É na Missa do Galo que traduzimos mais profunda e claramente a razão e o sentido do Espírito que anima o Nascimento de Cristo.

PEDIDO — Na rouparia dizem que há falta de agulhas, linha, lãs, dedais, tesouras; enfim, o que o vosso sentido de costura, mais apurado e prático que o meu, vos faz recordar nesta matéria...

José Manuel dos Anjos Nunes

Obra da Rua

Cont. da 1.ª pág.

sua descoberta do caminho. A Obra, espírito e corpo, é já em 1932.

Desde então, «caminhamos muito devagarinho, com passo muito firme, sabendo o terreno que pisamos e aonde queremos chegar. O nosso sistema de aproveitar o que a sociedade bota ao lixo, tem fundamento na própria natureza do homem. Mesmo que a experiência nos não tivesse já demonstrado que demos no vinte, o Evangelho não pode enganar ninguém. Não vamos errados».

(...) «Vamos pelo caminho da confiança. A que depositamos neles é precisamente a que eles depositam em nós.»

(...) E «queremos que o mundo nos dê a mão e não tenha medo dos que foram ontem pequenos vadios da rua».

Passaram dezenas de anos. Como é bom rever e experimentar a vida que o Espírito fecundador de Deus gerou em Pai Américo e ele deu à luz! Como é bom comprovar a certeza que nasceu da perplexidade sofrida nos três primeiros anos do seu sacerdócio! Certe-

za consolidada pelo sofrimento desses anos e pelas dores que o acompanharam ao longo dos restantes vinte e quatro!

Sim, não vamos errados se vamos pelo caminho da confiança! «Não salvamos muitos, mas a todos oferecemos os meios de se salvarem. Eis aqui o valor da Obra da Rua»: oferecer os meios de salvação, como Jesus, o Mestre — oferecer, não impor. E quantos se têm salvo!

E o «mundo» também não defraudou a confiança de que se fez apelo. Que lindos «dar a mão» nos revelam todas as edições d'O GAIATO! Como o Povo não se cansa nem esmorece, mesmo em tempos de crise! A confiança!

«Eu cuido que todos quantos se importam por um mundo mais feliz, hão-de alegrar-se ao tomar conhecimento desta prova destruidora de dúvidas.» Esta prova era a Obra da Rua e o seu sistema de confiança. Quarenta anos depois de escritos, quanto se revalorizaram estas palavras de Pai Américo no meio de um mundo em desvalorização!

«A Obra da Rua está na sua

infância» — escrevia ele, então. «Ninguém sabe o que estes rapazes virão a ser, conquanto já hoje lhes chamem, e eu gosto, os **homens de amanhã.**»

E eu termino aqui este doce saborear da história da Obra da Rua, com o hoje azedo desta mensagem de Natal de um rapaz de ontem, perturbado por um mundo em contraste com «a palavra nova e sedutora» que ouviu a Pai Américo — «mundo descristianizado de que a Obra da Rua é reconquistado»; mundo tão menos feliz quanto mais esquivo ao «poder do Evangelho de que a Obra da Rua é revelação»:

«De ao pé deste Barredo — profundamente mais humano e profundamente mais... mais triste e menos colorido (**do que o belo postal sobre que escreve**) — é que eu lhe escrevo estas breves linhas, também eu inquieto e triste por saber este Natal farto para uns quantos e amargo para muitas famílias a braços com o desemprego e um sem número de dívidas a que o pão foi obrigando. A ruptura social é hoje uma realidade indistigível que assustadoramente alastra.

É neste negro calendário que eu desejo um pouco mais de luz para o Natal de todos.»

— Lembras-te, Joaquim, da «Vida e Morte Severina»?... Como a odisséia daquele pobre no limiar do desespero termina em apoteose de luz?...

Natal é o reacender da Esperança no coração do homem

porque para nós nasceu Cristo, a Luz do mundo. «A luz que a Obra da Rua derrama no mundo procede desta Luz. A maravilha da nossa Obra nasce justamente aqui.»

Padre Carlos

Partilhando

■ A hora da merenda é tipicamente especial em nossa Casa. É motivo de queixas porque não chega a horas ou porque faltou, ou ainda por ser pequeno demais o pão para o apetite tão grande. Daí que os queixosos mais impacientes deixem para trás as suas obrigações e reclamem junto dos pais ou da senhora ou de nós por via da má distribuição do pão. É a nossa **desordem!**

Hoje, o caso que trago, foi à hora da merenda, vivido com ordem e asseio. Nele, estão envolvidos dois dos mais pequeninos: o «Merendas» e o Pedro. Aquele, assim chamado pelo seu grande apetite em relação à pequenina merenda. Este, um mundo de ternura em sua cor morena de raça mestiça. Ambos, lado a lado, comiam a merenda à vista da sua padiola, em descanso, ao pé da escadaria redonda que dá para a sala dos cicerones. Enquanto a merenda durava, penteava carinhosamente os cabelos de castanho claro que o «Merendas» tem. O mundo deles, para eles, acabara ali mesmo — indiferentes aos demais colegas que passavam. O dia estava quase a chegar ao fim, inclusive das suas obrigações. E, ali, acontecia um pequenino retrato da parcela de amor que a vida tem. Mas esta tem outra face. Ei-la: Ainda o «Merendas!» Da sua face esquerda corria algum sangue que, segundo ele, era o resultado de uma brincadeira de mau gosto do «Alcochete» que desabafa: — **Foi sem querer que lhe acertel com o carrinho!** Depois do «Alcochete» compreender que há brincadeiras que podem ser perigosas, foi ajudar a tratar da ferida que provocou. Amigavelmente, como só a gente miúda é capaz de entender. Sem qualquer azedume de parte a parte. Eis as grandes lições desta gente pequena!

■ Ao entrarmos neste novo Ano, dedicado de maneira especial à Juventude, tenho em mente o caso de um jovem. As suas palavras são o cartão de apresentação:

— Tenho vinte e dois anos, mas não me considero jovem. Da adolescência passei a velho. A juventude passei-a na cadeia... Não tive pai nem mãe e senti-me só. Vivo no mundo, no sub-mundo da marginalidade onde a força é a razão e a lei. A selva! Quero separar-me desse mundo, mas ainda me deixo envolver...

Isto foi-me dito, no Porto, há poucos dias, pela boca de um jovem que assim não se considera a si. E nada do que me disse era novidade para mim. Mais uma vez o chamei à força da razão, bem ao contrário da razão da força do seu mundo. Compreendeu, mas ainda não tem forças para contrariar o que lhe parece ser a razão do mal. Ainda confunde a coragem com covardia...

E se, hoje, aqui, trago este caso, é para não se perder a oportunidade de o apresentar, neste início do Ano que é dedicado aos Jovens, a todos os Jovens do Mundo que aos vinte e dois anos se dizem **velhos...** Perdidos e marginalizados nos sub-mundos do crime, do desemprego, da droga, da prostituição... Ali, onde os valores se viram do avesso, as coisas se desviam de sentido, as pessoas se vêem identificadas na intimidade da consciência perdida, e a vida deixou de ter sabor de Esperança. Vive-se morrendo, devagar e sempre! Jovens!... O saber estar na vida é mais importante que os anos para definir a Juventude. Aqui, onde os dons crescem com a esperança de os realizar em favor dos Outros; onde as coisas são postas com justiça, no seu lugar; onde as pessoas se vêem intimamente respeitadas — a vida, assim, é tida como e com Ideal.

Ao longo deste novo Ano, muitas vezes as palavras e os discursos vão referir os Jovens, convidando-os à Esperança no futuro; ao Amor a ideias mais altas; à coragem nas dificuldades; à União para reunir forças de Solidariedade; à Paz. Tudo isso é maravilhoso! Mas não chega, de jeito nenhum. Os exemplos e as obras vão eles pedi-las: A família, à escola, à oficina de trabalho e aos momentos dos tempos livres.

■ AI, onde a função de educar, ensinar e promover material e espiritualmente se esvaziou profundamente, vão ser os adultos chamados à responsabilidade. Então, o Ano Novo dedicado à Juventude, por direito, se converterá também no Ano dos Adultos — por obrigação e omissão. Ninguém ficará de fora. Nem as Crianças que serão os futuros Jovens. Ano de todos os anos — para que todos os anos sejam o Ano de Todos! Principalmente daqueles Jovens — como o de vinte e dois anos que se diz **velho.**

Padre Moura

Associações dos Antigos Gaiatos

Região Norte

«Fazer de cada rapaz um Homem» é um dos objectivos primários de Pai Américo, como cita o nosso Carlos Manuel Trindade, de Miranda do Corvo, na sua crónica de 13 de Outubro — e quero aqui confirmar as suas palavras. O objectivo primeiro de Pai Américo é «fazer de cada rapaz um Homem» no mais elevado espírito moral, em toda a acepção da palavra: no trabalho, seja ele o mais rudimentar; na vida conjugal; no relacionamento com os outros nossos irmãos, e, em princípio, com os que mais sofrem, no espírito e no corpo, privações de toda a ordem. Daí, nós, antigos Gaiatos, temos o dever moral de estar unidos e congregar esforços no melhor sentido de entreatura — como diz o nosso projecto de Estatutos no capítulo I, artigo 3.º: Promover a amizade e fraternidade e solidariedade entre os seus membros no apoio moral, e, sempre que possível, aos Gaiatos que se encontrem em situação difícil, e não só; prestar à Obra da Rua toda a colaboração.

Por isso nós, que somos seus filhos, precisamos de manter bem viva na nossa alma a chama que iluminou e deu todo o ser para a nossa ascensão na vida; termos bem presente o verdadeiro espírito da doutrina que Pai Américo nos

deixou, e procurá-la pôr em prática dentro das possibilidades de cada um.

Aqui fica uma chamada àqueles que desejam colaborar conosco, para, finalmente, formarmos a nossa Associação.

Caro colega: Brevemente serás informado por escrito — e através das páginas de O GAIATO — para a tua participação. Está atento. A comissão instaladora está a elaborar um ficheiro de cada um de nós para contactarmos o maior número possível de antigos Gaiatos, residentes no Norte do País, que passaram pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa e pelo Lar do Porto, para, em breve, e no prazo previsto, segundo o nosso projecto, realizarmos eleições, e, depois, caminhamos em frente — tal como em Miranda do Corvo e em Setúbal. Não podemos perder o comboio em relação a estas duas Casas do Gaiato. O tempo urge! Temos fé que, num futuro muito breve, teremos a nossa Associação dos Antigos Gaiatos da Região Norte devidamente formalizada.

Lourenço Martins

Região Centro

Reuniu, de novo, a Comissão para a criação da Associação dos Antigos Gaiatos do Centro, no Lar de Coimbra e em

Miranda do Corvo, em 24/11 e 1/12, tendo sido elaborado o projecto dos Estatutos, para apreciação e consequente aprovação ou não, tendo ainda ficado estabelecida uma reunião geral em Miranda do Corvo no dia 6 de Janeiro de 1985, com o seguinte programa: 9h30 — Concentração na Casa de Miranda do Corvo; 10h — Inscrição para elaboração do ficheiro e venda de auto-colantes, para angariação de fundos, com direito a prémio; 10h30 — Sessão de boas-vindas para toda a comitiva, no salão de festas, discussão e aprovação dos Estatutos; 12h — Missa por intenção de superiores e colegas falecidos; 13h — Almoço de confraternização em recinto fechado; 15h — Recomeço dos trabalhos para eleição da Direcção para o biênio 85/87, por lista completa; 16h — Tomada de posse e encerramento.

A esta reunião poderão comparecer todos os antigos Gaiatos de Miranda do Corvo e de Coimbra ou de outras Casas, com as suas famílias (mulheres, filhos, noras, genros e netos), e esperamos que compareça o maior número possível.

Por dificuldades de espaço e por se tratar da primeira reunião do género, **informamos que cada família deverá fazer-se acompanhar de farnel para o almoço, para o qual estarão preparadas mesas.**

Crentes de que esta será uma grande jornada para todos nós, ficamos aguardando a tua comparencia dentro do horário previsto.

Contamos contigo e com a tua ajuda.

Pela Comissão,

Carlos Manuel Trindade

AQUI LISBOA!

«Senhor vivo do Evangelho: aquela luz que o ceguinho de Jericó pedia e recebeu, essa seja a luz que guie as minhas passadas no amor dos Pobres do mundo, e me dê o apetite de os servir cada vez mais e melhor.» (Pai Américo)

Se os problemas do Mundo se resolvessem com meras palavras tudo seria fácil. Infelizmente não é assim, sobretudo se a verdade anda arredia e as intenções soam a falso, como se constata no dia-a-dia da vida social, pública e privada. «Palavras leva-as o vento», diz o Povo, com a força da sua sabedoria e do seu sentido do concreto.

Não são chavões ou slogans, tão pouco, muitas vezes demagógicos, que solucionam as graves questões que caracterizam os tempos hodiernos, nomeadamente os sociais e éticos.

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Nesta noite de Natal sonhei que o Papa João Paulo era bem aceite e acolhido com sua presença e mensagem por todos os homens. Que os «padres da rua» não envelheciam e eram homens de esperança. Que as senhoras-mães na Obra da Rua não esgotavam a sua maternidade e o seu encanto de servir. Que os que deram a vida a amar os doentes no Calvário se sentiam muito felizes. Que os nossos Rapazes-obreiros não se cansavam na sua generosidade. Que os governantes dos povos eram aquilo que prometeram: procurar o bem de todos. Que os políticos escolhidos para determinada missão se conservavam fiéis aos seus compromissos. Que todos os homens em guerra estavam a dialogar para construir a paz. Que todos os famintos tinham esperança de breve virem a ter pão. Que todos os doentes sentiam ter o seu lugar no coração dos outros.

■ Ainda muito cedo acordei. Tinha sido um sonho. Fiquei triste e a pensar:

João Paulo II não é bem aceite e acolhido por todos os homens, embora a sua vida, pelo testemunho de palavras e obras, seja extraordinária e maravilhosa. Há muitos homens que não o querem aceitar. João Paulo II é incómodo.

Os «padres da rua» vão envelhecendo e não aparecem novos que os substituam e a Obra da Rua, porque é de Deus, não pode acabar. Não querem desanimar, mas sentem as forças a diminuir.

As «senhoras da Obra» vão-se esgotando com os anos e com a vida e não aparecem mães novas. Há muitas mulheres livres e capazes, mas conservam o espírito mercenário. Os nossos continuam a chamar por mães.

Os que se deram a servir os doentes sentem-se a tombar,

Falar no e do Povo, lastimar a situação e a vida dos Pobres, gritar expressões como democracia, liberdade, etc., de nada vale, se, no fundo do coração dos homens, despido de egoísmo e embebido de sentido fraterno, não levar cada um a arregaçar efectivamente as mangas e a dispor-se ao sacrifício, sujando as mãos.

Vocábulos como justiça e amor, de profundo significado, de tão distorcidos na sua aplicação, carecem de sentido, quando não representam o contrário daquilo que deveriam traduzir.

Vem tudo isto a propósito de Natal. Que representa esta expressão para a maioria dos homens? Com quem a relacionam ou como a utilizam na vida? Será que o Menino nascido há cerca de dois mil anos, mesmo para os que se dizem cristãos, obriga ou compromete a um teor de existência em

sem forças físicas. Sentem-se incapazes de dar o conforto e o carinho que lhes é pedido. Há muitos a pedir emprego só para receber o ordenado ao fim do mês. Não servem.

Os nossos Rapazes-obreiros, por vezes, parecem desanimados. Que não percam o sentido do servir-generoso — e amem sempre a sua vocação. Outros tinham obrigação de caminhar nesta vida de aventura.

Os governantes, na sua maioria, servem-se. Prometem. Enganam. Passeiam e acompanham-se de grandes grupos. Gastam o pão do povo faminto. Não mergulham nos problemas que dependem da sua atenção.

Os políticos depressa esquecem a missão para que foram escolhidos. Perdem horas e horas com seus problemas pessoais, com seus ordenados de saca cheia, sem atenderem a sério à vida de fome dos outros cidadãos. Horas bem pagas a insultarem-se, protelando os problemas nacionais que lhes dizem respeito.

Os homens responsáveis pela guerra querem continuar a luta. Querem o domínio. O nome. A ambição. Vidas e vidas mortas. Bens e riquezas destruídas. Pão queimado.

Os ricos querem mais e mais e mais. O pão dividido chegaria para todos. Fecham os bens no coração e estancam a fertilidade.

Os doentes que não têm dinheiro ou padrinhos ou alguma influência sujeitam-se a esperar... quantas vezes pelo abandono e pela morte!

■ Já bem acordado, pedi a Deus-Menino um Ano Feliz e que os 45 anos de vida desta grande Família que Pai Américo constituiu, sejam sinal-aliança de amor entre todos os Homens.

Padre Horácio

conformidade com a Mensagem que nos trouxe? Ou será mera poesia, inconsequente ou mesmo escandalosa? O que se vê não abona muito, na verdade, o comportamento da Humanidade e, em particular, das gentes da nossa Terra.

Ao reflectirmos sobre o que se passa neste pobre planeta, particularmente neste Portugal que nos viu nascer, somos levados a concluir que o Natal, excepção feita a um «resto», nada diz ou a pouco leva. Comezainas ou banquetes sumptuosos ao lado das maiores misérias; fortunas fabulosas, algumas feitas a qualquer preço, ao lado das carências mais atrozes; um consumismo inaudito que leva a esquecer o ser para só pensar no ter; um materialismo desenfreado que tudo subverte; uma ânsia de prazer que tudo justifica; uma perda do sentido de fidelidade a todos os níveis que leva às demissões mais gravosas; um egoísmo feroz que desconhece o semelhante; enfim, um caos que só pode levar à terra queimada, isto é, anti-Natal.

Sendo assim, temos dificuldade de falar de Natal aos que não têm casa nem pão; aos que vivem ou, melhor, vegetam sem que sintam o bafo dos outros; às crianças sem eira nem beira; aos doentes abandonados ou sem os cuidados mínimos; aos velhos depositados em variados estabelecimentos; aos deficientes sem amparo nem compreensão; aos desempregados ou aos trabalhadores sem salários; aos casais desavindos e sem amor; aos jovens drogados, transviados ou aos delinquentes; aos reformados com pensões de miséria e a todos os que sofrem com ou sem culpa própria. Mais: Temos dificuldade de falar em Natal aos pobres ricos avarentos; aos pobres instalados, sem coração; aos pobres daqueles políticos que muito falam e prometem e nada fazem; aos pobres exploradores para quem todos os meios servem para atingir os seus fins.

Natal, para nós, não é mera comemoração ou simples acontecimento. É um compromisso vital que nos compromete e questiona todos os dias, porque portador de misericórdia e de solidariedade com todos os homens, mormente os mais frágeis ou desprotegidos; é a lembrança do nascimento do Homem-Deus que veio pregar a conversão de cada um e que por todos morreu; é uma chamada à coerência, sempre procurada, embora não atingida; é uma busca continuada dos Outros, sem aceção de pessoas. Por isso, fazemos nossas as palavras com que encimamos a crónica de hoje, a última de 1984, para que o Menino do Presépio nos guie as passadas no amor dos pobres do Mundo e nos dê o apetite de os servir, cada vez mais e melhor, arregaçando as mangas e sujando as mãos, à Natal, de facto.

Padre Luiz

O GAIATO

Cont. da 1.ª página

são bastantes as pessoas que me fazem idêntica pergunta, à qual não sei responder. Pessoalmente, penso que a resposta devia ser dada n' O GAIATO para assim todas as pessoas ficarem esclarecidas.»

São, ainda, os próprios leitores e assinantes que nos obrigam a actualizar o preço! «Ai val mais X porque sobe tudo e a impressão do nosso jornal — que não tem preço — custa agora muito mais.» Outros, afirmam o mesmo doutra maneira, é certo, sempre com o coração nas mãos e d'alma aberta à Mensagem d' O GAIATO. Se até os nossos pequeninos «embaixadores», na distribuição do «Famoso», recebem em média, por exemplar, muito mais do que o preço de capa!

Já que bulimos em números: Em 1/1/83 uma resma de papel d' O GAIATO custava 1.255\$80 — somado o imposto de transacções; agora, custa 2.184\$60! E, entretanto, um fornecedor de papéis diz ser «provável mais um aumento de preços a partir de 2/1/85». A escalada continua! Não falamos, já, dos restantes custos de laboração, incluindo a electricidade.

A inflação é um círculo vicioso que sacrifica os Pobres mais pobres! Acudimos a tantos gemidos que não ultrapassam a soleira das portas, por estar em jogo a dignidade das pessoas — do Homem! Neste particular, os assinantes que não possam cumprir o aumento fixado, não se aflijam, não dispensem O GAIATO. Arrumem contas só quando, como — e se puderem. No entanto, é conveniente que nos passem recado, sem escrúpulos, para averbarmos a indicação na respectiva ficha da assinatura.

Júlio Mendes

Correspondência de Família

Caros irmãos:

É Natal e não posso esquecer-me de vós neste dia. Este ano, um pensamento para todas as crianças:

É triste ver uma criança abandonada na rua olhando o chão sem nada, à procura de algo que não é pão mas sim amor. Aquele amor que recebemos ao termos a sorte de sermos abrigados na Obra da Rua e abafados com a capa de Pai Américo.

Pensem um pouco naquela criança que brinca isolada da sociedade e que apenas tem por companhia a fome, o frio e o medo do seu próprio futuro. Não a deixemos chorar de raiva e de dor na noite de Natal!

Nada há mais belo do que vermos uma criança feliz! Vamos lembrar todas aquelas crianças tristes, abandonadas, pobres e famintas de amor e de pão.

Lembremos os nossos Padres da Obra da Rua e os Doentes do Calvário.



Gaiato

Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administr.: Casa do Gaiato, PAÇO DE SOUSA, 4560 Penafiel, Tel. 352285

Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, Paço de Sousa 4560 Penafiel

Tiragem média por edição no mês de Dezembro: 55.055 exemplares.